

FEMINISTA

Malu Galli vive personagem à frente do tempo dela em *Além da ilusão*, na semana da mulher, comemora o fato de a novela levar os direitos femininos às rodas de conversa

dentro
e
fora
das
telas

Maurício Fidalgo/TV Globo



A década é 1940, mas, com algumas adaptações, poderia ser hoje. Violeta, personagem com o qual Malu Galli é um dos destaques da novela das 18h, *Além da ilusão*, está às voltas com os desafios de se impor no mercado de trabalho, com a jornada dupla, com o fato de ser subjugada pelo sócio Eugênio (Marcello Novaes) apenas por ser mulher. Mas, assim como Malu, Violeta não se deixa abater e representa com firmeza as muitas mulheres que enfrentam tudo isso fora da tela. A dois dias do Dia Internacional da Mulher, sem dúvida, inspira.

A atriz conta, em entrevista ao **Correio**, que é uma feminista: “Então, para mim, é muito natural lidar com o pensamento e o texto da Violeta. Ela é dona de si, livre, já que é dona do próprio negócio e da própria vida. Compor a persona-

gem foi desafiador por ela passear por vários registros de atuação, da comédia à tragédia, passando pelo drama e pelo romance”, completa.

Ainda na primeira fase de *Além da ilusão*, o marido de Violeta, Matias (Antônio Calloni) passa a apresentar sinais de loucura após atirar na própria filha, Elisa (Larissa Manoela), acidentalmente. Isso faz com que Violeta assuma o sustento da família, já que eles ainda têm outra filha, Isadora (Larissa Manoela), e entre de vez no mundo masculino dos negócios, aceitando a sociedade de Eugênio numa tecelagem.

Sempre que Eugênio toma a frente dos negócios e tenta passar por cima de decisões de Violeta ou as toma sem consultá-la, os dois personagens brigam. Para Malu, esse é o momento em que esse tema delicado entra em cena, mas a atriz ressalta que outros personagens reconhe-

cem a autoridade de Violeta. A nota triste é que esse tipo de preconceito ainda é sofrido nos dias de hoje, 80 anos depois da década em que a novela se passa.

“O preconceito existe sempre que uma mulher assume uma posição de poder. Ela tem que ser duas vezes mais competente, mais sábia, mais inteligente, porque qualquer erro, ou deslize, já acarreta uma chuva de críticas e comentários preconceituosos. Parece que esperam por isso”, afirma Malu. “Só uma autora traria essas questões para discussão. Esse, apesar de ser um assunto da nossa sociedade como um todo, ainda interessa menos aos homens”, lamenta a atriz, referindo-se a Alessandra Poggi, autora que enfrenta o desafio de escrever a primeira trama sozinha. Em 2017, ela escreveu, ao lado de Ângela Chaves, *Os dias eram assim*; e fez parte das equipes de